

IX SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

23 a 24 de Janeiro de 2020

A MEDICALIZAÇÃO DAS EMOÇÕES NA INFÂNCIA E SUAS CONSEQUÊNCIAS PARA O DESENVOLVIMENTO DOS SENTIMENTOS

Sthefany Maria Ambrosio Bilieri (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-Paraná, Brasil); Rosana Aparecida Albuquerque Bonadio (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-Paraná, Brasil).

contato: sthefanyambrosio@hotmail.com

Palavras-chave: Desenvolvimento infantil. Emoções. Medicalização. Psicologia Histórico-Cultural.

O presente trabalho, de caráter bibliográfico exploratório busca apresentar a importância das emoções bem como dos afetos e sentimentos para a formação do psiquismo humano, além de alertar para o fato de que medicalizar crianças em idade pré-escolar pode ser prejudicial para o desenvolvimento e a consolidação das funções psíquicas superiores.

Entendendo que a dicotomia entre mente e corpo, que perpassa o campo psicológico desde o século XIX, contribuiu para a desvalorização e redução das funções psicológicas superiores a algo biológico (TULESKI, 2008). A solução encontrada para esse problema metodológico seria o materialismo histórico-dialético, método baseado no marxismo e em obras da filosofia como a de Espinosa, compreendendo como destaca Souza e Andrada (2013, p. 362) que “[...] os embasamentos do método defendido por Vigotski estão alicerçados no estudo do psiquismo a partir da análise dialética da atividade humana, nas relações estabelecidas a partir das situações de trabalho e na realidade histórica”. Dessa perspectiva, a Psicologia Histórico-Cultural, teoria utilizada como aporte teórico nessa pesquisa, se opõe a essa concepção dicotômica entre corpo e mente, entendendo o homem como produto de relações históricas e sociais, por meio do método materialismo histórico-dialético proposto por Marx. O histórico demonstra que o conhecimento é resultado de experiências apropriadas e acumuladas de geração em geração e o caráter material faz com que se compreenda o homem como finito e limitado, o qual cria e recria sua existência por meio de trocas com a natureza.

Vigotski (2010) ao considerar o caráter social do desenvolvimento postula sobre as funções psicológicas superiores, destacando que elas surgem primeiramente como formas de expressão do comportamento coletivo da criança e como maneiras de cooperação com os demais indivíduos. Assim, [...] posteriormente elas se tornam funções interiores individuais da própria criança” (VIGOTSKI, 2010, p. 699). Assim, as funções psicológicas superiores se caracterizam como exclusivamente humanas e possuem um caráter fundamentalmente

IX SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

23 a 24 de Janeiro de 2020

cultural. Para o seu desenvolvimento são necessárias condições sociais, econômicas e culturais, assim como as relações de mediações entre adulto e criança. Vigotski (2008) destaca ainda, a importância da mediação para o desenvolvimento das funções mentais da criança, apontando que as atividades realizadas com a ajuda do adulto, futuramente serão executadas de maneira independente.

Tomando a relação adulto criança, é possível compreender o adulto como aquele responsável pelas vivências que a criança irá ter, apresentando a ela os sentidos e significados das ações e dos objetos. Assim ao entender a criança em uma relação de dependência com o adulto, esta necessitará de mediações para se desenvolver psiquicamente.

Neste sentido, Vigotski (2010) afirma a importância de se compreender o papel do meio no desenvolvimento da criança, de entendê-lo como um parâmetro relativo e não absoluto, ou seja, olhando qual a relação da criança com o meio, considerando a etapa do desenvolvimento em que se encontra. Entendendo que “[...] cada idade possui seu próprio meio, organizado para a criança de tal maneira que o meio, no sentido puramente exterior dessa palavra, se modifica para a criança a cada mudança de idade (VIGOTSKI, 2010, p. 683)”.

Dessa maneira, segundo Leontiev (2010), as condições históricas concretas que ocorrem durante o desenvolvimento da criança exercem influência tanto sobre o conteúdo concreto dos estágios individuais, quanto sobre o curso de todo o processo de desenvolvimento psíquico. Desse modo, o autor afirma a importância da análise das questões sociais, culturais e materiais da criança, pois estas interferem diretamente nesses processos. De acordo com Leontiev (2010) para compreender o desenvolvimento da psique infantil é necessário analisar o desenvolvimento da atividade. Essa atividade, precisa coincidir com o objetivo, o que estimula o sujeito a realizá-la e com as questões concretas que se apresentam na vida infantil (LEONTIEV, 2010). É necessário que a criança possua um motivo para aprender, algo que a estimule a se apropriar e internalizar determinados conceitos. Será que a educação infantil está sendo um espaço gerador de motivos e significados? Se as funções psicológicas têm sua base nas relações sociais, quais seriam as contribuições do medicamento para o desenvolvimento psíquico da criança? Não seria ele um limitador do desenvolvimento de novas vivências? E no campo das emoções, qual sua influência? Frente a estas questões o objetivo dessa pesquisa foi entender como se dá a constituição de afetos e sentimentos no

IX SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

23 a 24 de Janeiro de 2020

período infantil e levantar possíveis influências da medicalização das crianças nessa fase do desenvolvimento.

Compreende-se que os períodos iniciais do desenvolvimento infantil são divididos em primeira infância e infância. A primeira infância contempla o primeiro ano de vida e a primeira infância. Já a infância é dividida em idade pré-escolar e idade escolar. O objeto de análise desse estudo será a primeira infância e a idade pré-escolar. Desse modo, ao conceber sobre os estágios do desenvolvimento, no período da primeira infância a atividade principal é a atividade objetal manipulatória, na qual a criança ao manipular os objetos, transformando-os em instrumentos. Desse modo, é possível trazer o questionamento de como é o desenvolvimento dessa atividade por uma criança medicada, visto que de acordo com a própria bula do medicamento ela apresentaria sintomas como cansaço e desânimo e acabaria por apresentá-los ao se relacionar com os objetos e manipulá-los. Tornando-se difícil medir os possíveis prejuízos ao desenvolvimento.

Após a primeira infância, os jogos de papéis, atividade principal da idade pré-escolar, se faz importante para o desenvolvimento de funções como o autocontrole da conduta. Essa função só se desenvolve a partir dessa atividade, na qual a criança controla seu comportamento, ao observar as ações dos adultos e posteriormente repeti-las na brincadeira. Pasqualini (2013) postula que esta brincadeira de papéis surge da contradição existente no período pré-escolar da criança, no qual possui a necessidade de fazer o que o adulto faz, manipular seus objetos. Porém, ao considerar o caráter social dessa função, retira-se a necessidade de sua expressão no meio social para que ela se desenvolva e a criança aprenda a controlar suas ações. Assim, a criança medicada não internalizará os sentidos os significados de controlar sua conduta, pois o fármaco já parece realizar esse controle, mas sem gerar motivo na criança.

Retomando o pensamento dicotômico que perpassou o campo psicológico ao se pensar as emoções como prejudiciais ao desenvolvimento infantil é gerada outra dicotomia, entre afetivo e cognitivo, como afirmam Gomes e Mello (2010). Essa separação interfere diretamente na educação, visto que, a partir de uma visão puramente subjetiva dos afetos, acredita-se que o campo afetivo se encontra descolado do campo cognitivo. Destaca-se a compreensão dos afetos como anterior a formação da psique, apenas como algo que acrescenta a área cognitiva. Esse distanciamento entre atribui apenas à prática pedagógica a responsabilidade pelo desenvolvimento cognitivo, não sendo papel do professor desenvolver a

IX SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

23 a 24 de Janeiro de 2020

afetividade. Esse olhar ocasiona uma compreensão naturalizada do aprendizado e, conseqüentemente, dos processos afetivos, compreendendo a criança como separada da sociedade a qual está inserida.

Ao adentrar mais profundamente o campo das emoções, sentimentos e afetos é possível constatar que o tema é pouco estudado e tende a ser desvalorizado, como destaca Costa e Pascual (2012) ao apontar o paradigma cartesiano (do século XVII) como o precursor da negligência das emoções no campo psicológico. Sendo este, responsável pelas tendências dicotômicas entre sujeito e objeto, corpo e mente, cognição e afeto. Um outro problema encontrado é, segundo Magiolino (2010), a indiferenciação dos termos da vida afetiva e da sua relação com as funções psicológicas superiores.

Na tentativa de definir os termos da esfera afetiva, conclui-se que, enquanto o sentimento é a capacidade de sentir e apreciar aquilo que se mostra com valor estético ou moral (MAGIOLINO, 2010) a emoção encontra-se como uma parte do sentimento sendo o julgamento daquilo que agrada ou desagrade. A emoção surge corporalmente, sem se restringir a isso, a partir do experienciado no sentimento. Enquanto que “[...] os afetos são mediados pelas emoções e consistem, em parte à energia que as (trans)forma e (i)mobiliza.” (MAGIOLINO, 2010, p. 45), assim por serem mediados pela emoção, indicam a qualidade da experiência psíquica e o que será feito com essa carga afetiva.

Quando se tem o uso do medicamento para conter comportamentos de crianças na primeira infância, típicos de seu período de desenvolvimento, estamos medicando na verdade as emoções em sua expressão mais pura. (pura no sentido de que a criança ainda não tem o autocontrole de sua conduta). Assim, entrando nos aspectos acerca da medicalização das emoções, pode-se definir o termo medicalização, segundo Moysés (2001) apud Meira (2012), como um processo que desloca problemas do cotidiano para o campo médico, ou seja, fenômenos que possuem origens sociais e políticas são tratados como meramente biológicos. Não diferente, a medicalização alcança a esfera escolar e questões que são de ordem pedagógica acabam sendo tratadas como uma questão médica.

Por fim, ressalta-se a importância das condições sociais e materiais para o desenvolvimento da criança, entendendo que o desenvolvimento dos afetos, sentimentos e emoções contribuem para que outras funções psíquicas também se desenvolvam. Compreendemos ao longo dessa pesquisa que o uso indiscriminado de fármacos para controle de comportamento no estágio infantil parece interferir no desenvolvimento de funções

IX SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

23 a 24 de Janeiro de 2020

essenciais como a percepção, o autocontrole da conduta, a atenção voluntária e os sentimentos. É importante ressaltar a necessidade de estudos empíricos a fim de comprovar os dados encontrados nessa revisão de bibliografia acerca da medicalização de crianças na primeira infância e idade pré-escolar.

Referências

COSTA, A. J. A.; PASCUAL, J. G. Análise sobre as emoções no livro Teoria de Las Emociones (Vigotski). **Psicologia e Sociedade**, v. 3, n. 24, p. 628-637, 2012.

GOMES, C. A. V.; MELLO, S. A. Educação escolar e constituição do afetivo: algumas considerações a partir da Psicologia Histórico-Cultural. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 28, n. 2, p. 677-694, jul./dez. 2010.

LEONTIEV, A. N. Os princípios psicológicos da brincadeira pré-escolar. In: VIGOTSKII, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem**. 11 ed. São Paulo: ícone, 2010, cap. 7, p. 119-142.

MAGIOLINO, L. L. S. **Emoções humanas e significação numa perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento humano**: um estudo teórico da obra de Vigotski. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2010.

MEIRA, M. E. M. Para uma crítica da medicalização na educação. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**: São Paulo, v. 16, n. 1, p. 135-142, jan./jun. 2012.

PASQUALINI, J. C. Periodização do desenvolvimento psíquico à luz da Escola de Vigotski: a teoria histórico-cultural do desenvolvimento infantil e suas implicações pedagógicas. In: MARSIGLIA, Ana Carolina Galvão (Org.). **Infância e pedagogia histórico-crítica**. Campinas, SP: Autores Associados, 2013, cap. 4, p. 71-97.

SOUZA, V. L. T. ANDRADA, P. L. Contribuições de Vigotski para a constituição do psiquismo. **Estudos de Psicologia**: Campinas, v. 3, n. 30, p. 355-365, jul./set. 2013.

TULESKI, S. C. **Vigotski**: a construção de uma psicologia marxista. 2 ed. Maringá: Eduem, 2008.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. 7 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

VIGOTSKI, L. S. Quarta aula: a questão do meio na Pedagogia. **Psicologia USP**: São Paulo, v. 4, n. 21, p. 681-701, 2010.